

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Correios 350 Anos: Aproximando Pessoas (HVC)

Um vida dedicada ao trabalho

História de [Raimundo dos Santos Araújo](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 30/09/2013

Projeto Correios – 350 Anos Aproximando Pessoas
Depoimento de Raimundo dos Santos Araújo
Entrevistado por Rosana Miziara
Almeirim, 27 de julho de 2013
Realização Museu da Pessoa
HVC069_Raimundo dos Santos Araújo
Transcrito por Marcelo da Paz

P/1 – Seu Raimundo, vamos começar a entrevista?

R – Vamos.

P/1 – O senhor pode falar seu nome completo local e data de nascimento?

R – Raimundo dos Santos Araújo. Nascido no dia 15 de novembro de 1931.

P/1 – Aonde?

R – Caxias, Maranhão.

P/1 – Seus pais são de Caxias?

R – São.

P/1 – E seus avós?

R – Também.

P/1 – Maternos e paternos?

R – Caxias também Maranhão.

P/1 – Tanto o lado de pai quanto o lado da mãe?

R – Tanto pai como de mãe.

P/1 – Da cidade de Caxias?

R – Caxias, município.

P/1 – Município?

R – É.

P/1 – O quê é que os seus avós faziam?

R – Naquela época minha avó, ela fazia, minha avó fazia panelas.

P/1 – Por parte de pai ou de mãe?

R – De mãe. Panela de barro, preparava o barro, preparava a panela, prato, colheres, candeia, tudo era de barro.

P/1 – E seu avô?

R – Ah, o meu avô preparava fumo. Nós trabalhávamos com fumo, adubava a terra, com enxadas e preparava fumo e nós vendíamos. Ele me teve, criei vendendo fumo, frutas, laranja, tangerina, lima, na nossa propriedade.

P/1 – E os pais de seu pai?

R – Os meus avós, trabalhavam na mesma profissão.

P/1 – Que os pais da sua mãe?

R – É.

P/1 – O que é que eles faziam?

R – Faziam fumo também, trabalhava com fumo.

P/1 – Caxias era o lugar de plantação de fumo?

R – Ah, Caxias era a cidade, mas o município, nós trabalhava no município. No retiro. Retiro nosso, município de Caxias.

P/1 – Era uma plantação de fumo?

R – É! Plantação de fumo, dá o nome de tabaco?

P/1 – E você sabe como seu pai e sua mãe se conheceram?

R – Não, não me lembro não.

P/1 – Aí eles casaram e foram morar em Caxias?

R – Casaram em Caxias mesmo e moraram lá em Caxias.

P/1 – Onde que era a casa?

R – Era no lugar chamado Rio Seco.

P/1 – Você nasceu nessa casa?

R – Nasci no Rio Seco.

P/1 – Você e quantos irmãos?

R – Eram seis irmãos, uma irmã e cinco irmãos.

P/1 – E você nesses seis era qual? O mais velho, o mais novo?

R – Não, era o mais velho.

P/1 – Como que era esta casa? O senhor lembra?

R – Era barreada. Dá-se o nome de barreada. Tapada de barro, tudo de barro.

P/1 – Quantos cômodos ela tinha?

R – Três: uma sala, um quarto e uma cozinha.

P/1 – E dormia todo mundo no quarto?

R – Não, uns dormia na sala, os filhos dormiam na sala, a minha mãe com a minha irmã dormia no quarto.

P/1 – E seu pai?

R – Dormia no quarto também.

P/1 – E como é que era essa região, como é que era este lugar?

R – É igual uma comunidade, só os parentes.

P/1 – Quem que eram os parentes? Conta...

R – Os irmãos, irmão do meu pai, irmã do meu pai. Ela não tinha parentes lá, só o meu pai mesmo que tinha irmão, irmã.

P/1 – E como que era, como que eram as suas brincadeiras, como que era viver lá?

R – Naquele tempo era esse negócio de Boi Bumbá? Que tem esta brincadeira de Boi Bumbá, que tem um índio, uns pássaros que faziam, São João, São João e São Pedro. Essas brincadeiras de São João na roça.

P/1 – Como que era essa brincadeira?

R – É na roda, fazia a roda e todo mundo dança solto. Uma fogueira grande, hoje não tem mais (risos) não se vê nem falar?

P/1 – E cantava, tinha música?

R – Tinha! Tinha música que eles cantavam.

P/1 – Que música que era?

R – Eu não lembro mais, nem o tom mais como era. Todo enfeitado eles eram, tudo enfeitado, uns tambores grandes. Ai vim, com 13 anos, eu vim para o Pará.

P/1 – E aí, como que era lá, seu pai plantava fumo?

R – É, plantava fumo...

P/1 – Sua mãe também?

R – E ele colhia sal também, na salina para vender na cidade. Aí, preparava o fumo e vinha para cidade a cavalo. Naquele tempo vinha a cavalo, não tinha estrada, era só caminho mesmo.

P/1 – Ele vendia aonde?

R – Na cidade, Cidade de Caxias. Naquele tempo era na cidade, hoje parece que é a capital.

P/1 – E sua mãe ajudava ele?

R – Ah, ajudava, ajudava como minha esposa hoje me ajuda muito também.

P/1 – Como que sua mãe, o que é que sua mãe fazia?

R – Fazia a mesma coisa, fazia louça de barro, fazia farinha de tapioca, fazia farinha d'água para nós comer.

P/1 – Como que fazia farinha?

R – Era no forno, preparava a farinha no forno. Arrancava a mandioca, ralava. Naquele tempo era ralo, não tinha este negócio de motor, não se

falava em motor. Ralava, preparava e preparava a farinha.

P/1 – E como que era na sua casa? Quem é que exercia a autoridade? Seu pai ou sua mãe?

R – Não, era meu pai. Naquele tempo mulher não piava, só era o homem que resolvia tudo. Mulher não falava não, só cuidava do filho e da boia. (risos)

P/1 – Mas eles eram carinhosos, eles eram que tipos de pais?

R – Eram, eram carinhosos. Muito carinhosos com os filhos mesmo, nunca meu pai teimou com a minha mãe, nunca! Naquele tempo, se respeitavam os dois. Não tinha esse negócio de ficar teimando, os filhos estar escutando briga, uma vida muito boa.

P/1 – Você brincava com os seus irmãos?

R – Brincava, brincava nossa brincadeira do Boi Bumbá, ele dava licença para nós brincar. Fazia a brincadeira e gente ia brincar.

P/1 – Qual que era a do Boi Bumbá?

R – Era esta que eu estou te falando.

P/1 – Ah, de roda?

R – De roda. É. Fazia um boi de pano, preparava um boi de pano, enfeitava tudo e ia brincar. Até hoje ainda tem para lá para o Maranhão.

P/1 – E vocês ficavam no município, vocês iam muito para Caxias? Como é que era Caxias?

R – Não, era difícil ir. Não tinha. Só a cavalo que ia, não tinha. Era muito difícil. O padre que ia lá em casa, na comunidade.

P/1 – Vocês tinham uma formação religiosa?

R – Tinha, nós somos católicos.

P/1 – Mas que é que é esta história do padre?

R – É. O padre que ia fazer missa, dizer missa, batizado, fazer batizado, casamento.

P/1 – Ia aonde?

R – Era lá no município, na comunidade. Na cidade, ele pegava o cavalo e ia lá na cidade, comunidade. Dizer missa, batizar, dar culto de oração. Por época. Festejava São Benedito nesta época lá em São João.

P/1 – Como que era esta festa?

R – Era numa capela. Faz a capela, tem imagem, aí ele ia fazer a oração lá, fazer missa, batizar, fazer casamento, quando tinha uma pessoa para casar.

P/1 – Você gosta de ir nestas festas?

R – Gostava. Os pais encaminhavam nós para igreja.

P/1 – Vocês se arrumavam, como é que era?

R – Se arrumava. A roupinha naquele tempo era difícil. (risos) Preparava umas calcinhas para os filhos, eram só dois. Depois que foi aumentando.

P/1 – E o senhor entrou na escola nessa época?

R – Eu estudei.

P/1 – Com quantos anos o senhor entrou?

R – Entrei com dez anos.

P/1 – Como é que você ia para escola?

R – Nós ia de pé, juntava os primos tudo, os parentesco e ia de pé para escola. Umhas duas léguas, difícil, tudo era difícil, mas ainda tenho a

terceira série ainda. Naquele tempo não tinha este negócio de carinho não, sabe, era palmatória, uma régua grande, uma palmatória. Agora, cara aprendia, hoje em dia não aprende mais ninguém. É com muito carinho. Moleque vai ver, não aprende, não vai nem na escola. Eu achava que naquele tempo era muito bom, melhor do que agora, para se educar os filhos.

P/1 – Você lembra de alguma coisa da escola, alguma professora?

R – Me lembro.

P/1 – Sabe, lembra o nome de alguma? Como é que é?

R – Francisca o nome dela. Francisca Barreto da Luz, uma senhora gorda. Francisca Barreto da Luz, me lembro bem dela.

P/1 – Do que o senhor mais gostava na escola?

R – Não, o que eu gostava mais... naquele tempo, não tinha diversão, entrava na escola, era todo mundo calado. Não tinha este negócio de recreio, grita para cá, não. Tudo era calado. Eu gostava era de estudar. Só não, por que era muito longe, era difícil. Mas eu ainda cheguei a estudar até a terceira série.

P/1 – Por que que o senhor parou de estudar?

R – Parei porque não tinha meio mesmo para estudar mais. Ela só ensinava até a terceira série, aí foi o tempo que eu vim para o Pará. Aí eu vim trabalhar para o Pará cortar seringa...

P/1 – Aí o senhor tinha quantos anos?

R – Treze anos.

P/1 – Vamos voltar atrás. E na sua casa, quais eram as comidas que tinham, que o senhor se lembra?

R – Ah, naquele tempo era peixe. Peixe de água salgada, tainha, mel, murijuba, um peixe chamado jurupiranga, bagre e ainda tinha o peixe bagralhão. Tinha muito, era muito farto nesse tempo, muito farto. Carne era mais difícil.

P/1 – E o senhor ajudava seu pai na plantação de fumo?

R – Ajudava.

P/1 – Com quantos, desde quantos anos?

R – Desde 8 anos, se podia trabalhar, eu estava ajudando a capinar, plantar. Ajudava muito o meu pai, só era ele e eu e Ione, nós dois, depois que ele foi produzindo.

P/1 – E como é que foi, era, como que é esta plantação de fumo? Como é que é plantar fumo?

R – Plantar fumo, o cara aduba a terra, vira a terra todinha na enxada, depois de virar, plainei ela e leva as mudas de planta e depois vai colher.

P/1 – E naquela época dava para comercializar, dava dinheiro?

R – Dava, dava porque compravam muito, compravam muito. Levavam fumo, tangerina, laranja, lima e algumas vezes também ele pegava muito peixe e levava, mas era difícil. Mais era o fumo que ele vendia barato, nós vendia. Nesse tempo comprava mais era com pataca e vintém.

P/1 – O que é que é pataca?

R – Pataca era a moeda antigamente que tinha. Pataca, vintém. Você nunca ouviu falar não?

P/1 – Ovi falar, mas não sei o que é.

R – Pois é. Eu cansei de fazer compra comprar açúcar, não existia açúcar branco, era só açúcar morena. A gente ia e levava uma pataca e comprava um pouquinho de açúcar, açúcar morena, empalhada no palheiro. Não tinha saco, nada.

P/1 – Além desta festa que o senhor disse que comemorava lá, São Benedito.

R – É.

P/1 – Comemorava Natal na sua casa, aniversário? Que costumes se tinham de festas na sua casa?

R – Era difícil, só mesmo esta festa. Chegava esta época de São Benedito dia 20, dia 24, 25 e 27, três dias de 24, 25, 26 e 27. Quatro dias de festa, e São João, aí não se falava em Natal, difícil. De ano a ano fazia esta festa.

P/1 – Onde que acontecia esta festa?

R – Era lá em casa mesmo. Capela, uma capela grande.

P/1 – Tinha uma capela na sua casa?

R – Tinha uma capela.

P/1 – Como que era? Era um sítio, uma fazenda, o que é que era?

R – Era uma fazenda. Uma fazenda. Aí a capela é como aqui, tem a minha casa e uma escola ali. Então, nós tinha a casa e tinha a capela e tinha a escola. Três moradias, a escola que era longe e a capela.

P/1 – A escola também ficava tudo no mesmo terreno?

R – É, ficava perto, ficava perto.

P/1 – Mas era tudo do seu pai?

R – Era do meu pai. Se juntava para preparava os vizinhos tudo lá. Era uma comunidade. Como aqui, tem uns quatro aí, tem três para acolá, é tudo perto um do outro, quando era para fazer um serviço a gente ia e fazia, principalmente esse negócio de religião que era católico. Então nós fazia.

P/1 – Você disse que morava com primos, tios...

R – É, os tios tudo era vizinho. Os meus tios, irmão do meu pai, era vizinho lá. Minhas primas, muita gente lá que morava no Retiro, aí quando estava no ano, chegava o ano, dia 27 de dezembro, aí o padre ia fazia casamento, batizado. Lá passava um dia e vinha embora, aí pronto, acabava. Não tinha este negócio de festa como hoje em dia tem muita festa.

P/1 – E você tinha amizade com seus primos e com suas primas?

R – Tinha! Nós éramos tudo amigos, tudo era só uma família.

P/1 – E você era que tipo de criança? Era mais brincalhão, mais quietinho, como que você foi quando criança?

R – Eu não era muito, muito quieto não. Porque naquele tempo o que resolvia era o cinturão, a gente era muito quieto por causa do cinturão, pegava a surra, aí tinha que ser quieto. Se aquietava, você maligno com o outro, com as pessoas.

P/1 – Mas você não foi muito de aprontar?

R – Não! Não. Graças a Deus não, bem criado, pai tinha cuidado com os filhos. Não tinha negócio de encrencar com os outros. Eu morava aqui e o outro morava com 500 metros, outro com 200, quando se juntava todo mundo saía uma tarde de domingo. Aqui sempre vem de dia domingo pessoa se junta também aqui com a gente, conversa, palestra.

P/1 – Aí o senhor disse que precisou sair da escola com 13 anos?

R – É, sai com 13 anos.

P/1 – Por quê?

R – Porque não tinha mais, a professora não ensinava mais, só ensinava até a terceira série.

P/1 – Ai o senhor não ficou com vontade de ir para outro lugar, continuar?

R – Aí eu vim para o Pará, mas já foi para trabalhar.

P/1 – Mas você veio com quem? Com seu pai?

R – Não, eu vim só.

P/1 – Com 13 anos?

R – Foi.

P/1 – Que lugar do Pará?

R – Eu vim para Santarém primeiro eu vim para Belém, de Belém..

P/1 – Mas por que você saiu de lá e venho do Maranhão e veio para cá?

R – Não, atrás de dinheiro. Porque sempre a gente fala em dinheiro. Naquele tempo dinheiro era difícil. Aí falavam muito que no Pará tinha dinheiro, principalmente Santarém. Aí fiquei pensando em pedir para o pai.

P/1 – Como é que você escutava, por onde que você escutava que aqui era bom?

R – Lá na história. Os velhos contavam história um com o outro. Quando os velhos contava história, puxava fundamento, falava muito no Pará, que era bom, isso e aquilo outro. Aí eu ficava pensando: “Eu vou ganhar dinheiro para trazer para o meu pai”, pensava em trazer dinheiro para o pai e para mãe. Aí vim me embora. Pedi licença para ele e ele deixou: “Você vai trazer, você vai pegar?” “Vou ganhar dinheiro!”

P/1 – Com treze anos?

R – Treze anos. Aí vim embora.

P/1 – Como que você veio de lá para cá?

R – Eu vim em costa de burro, jumento. Naquele tempo era jumento, era na costa de jumento, para um lugar chamado Cururupu. De Cururupu, eu peguei e vim para um lugar chamado, perto de Bragança, Marapanim não, não era Marapanim não. Viseu! De lá eu vim para Viseu, Viseu já é perto de Bragança, Bragança é Pará.

P/1 – E o senhor conhecia alguém que estava aqui?

R – Não! Não conhecia ninguém.

P/1 – Mas você tinha ideia de onde você ia ficar, onde você ia morar?

R – Não. Tinha nada de ter não. Vim atrás de ganhar dinheiro, como eu ganhei mesmo.

P/1 – Aí o senhor chegou de burro...

R – É, de jumento.

P/1 – De jumento.

R – De jumento, é.

P/1 – Em Viseu?

R – Viseu.

P/1 – Que fica em Santarém?

R – Não, fica, fica no município de Bragança. Já ouviu falar de Bragança?

P/1 – Já.

R – Pois é, Bragança, uma cidade.

P/1 – Aí o senhor chegou lá...

R – Cheguei lá e fui trabalhar, fui trabalhar.

P/1 – Mas como é que o senhor pediu emprego? Como é que foi?

R – Lá eles procuravam muito rapaz novo, assim para vender pão. Ai eu fui ser padeiro, vendi pão uma porrada de tempo lá numa padaria, depois eu fui para...

P/1 – Mas você aprendeu, lá, a fazer pão?

R – Aprendi. Aprendi a fazer pão e depois eu fui para Santarém porque tinha...

P/1 – E você morava onde?

R – Eu morava lá na casa do patrão mesmo, do padeiro, o nome dele, do cara, mas o cara que faz pão chama-se padeiro. Aí eu morava com ele lá. Depois eu ganhei uma boa ponta lá, aí que eu vim para Santarém, fui cortar seringa, riscar seringueira. Aí eu subi na vida, porque...

P/1 – Aí você tinha quanto, 14 anos?

R – Mais, tinha uns 18 anos.

P/1 – Ah, na padaria quanto tempo você ficou?

R – Passei é muito tempo lá. Passei muito tempo, uns três anos, quatro anos parece, passei uns quatro anos lá vendendo pão com ele.

P/1 – Até os 18 anos você ficou?

R – É. Não, depois disto, antes de eu terminar... ainda fui com outro rapaz cortar cana. Tinha um canavial, eu fui cortar cana, que naquele tempo faziam rapadura, para temperar café. Aí eu cortei uns dois anos cana com ele.

P/1 – Deixa eu voltar um pouquinho na época da padaria. Aí o senhor só fazia pão, não ficava vendendo?

R – Não, só fazia o pão com ele e entregava! Aí tinha os molequinhos que vendia.

P/1 – Como era o lugar que você dormia, sua casa?

R – Não, na padaria mesmo! Quarto grande, em um canto assim eu dormia lá, ele tinha a casa dele mesmo e eu dormia lá.

P/1 – E como é que você se correspondia com os seus parentes no Maranhão?

R – Não, eu não falei mais com ele não. Era difícil.

P/1 – Não tinha telefone.

R – Nada. (risos)

P/1 – Escrevia carta?

R – Não. Não tinha por onde mandar, vinha em costa de burro, depois para voltar era difícil. Hoje está muito bom.

P/1 – Você era novinho ainda, você sentia saudades deles?

R – Sentia. Sentia muita saudade, ganhei muito dinheiro para querer voltar, mas não voltei mais lá, não.

P/1 – Aí você ficou na padaria, depois da padaria...

R – Aí eu fui cortar cana com um rapaz, Gregório, chamava-se Gregório o nome dele.

P/1 – Você conheceu ele onde, na padaria?

R – Na padaria mesmo, me convidou: “Vamos embora cortar umas canas?” “Embora”. Aí o cara me pagou direitinho lá, e eu fui embora com ele para...

P/1 – E onde é que era?

R – Lá mesmo em Bragança. Em...

P/1 – Aí você saiu desta casa?

R – Não. Eu só ia cortar e ia lá dormir no quarto. Cortava cana o dia todo, quando era de tarde eu vinha, pagava, terminava o serviço, ele pagava. Aí foi quando eu arranjei dinheiro e vim direto para Santarém, por causa do negócio da borracha, que falavam em seringa, riscar seringueira, aí está certo, aí melhorou.

P/1 – Como que era, o que se falava da borracha?

R – Se falava... a borracha porque, o cara ganhava muito dinheiro, riscava, fazia os pelos, os bolão de borracha, quando não, botava no tambor, enchia aqueles tambor de leite, de seringa. Aí tinha um líquido que chamava-se amoníaco a gente botava dentro do tambor, que era para segurar a borracha para não coalhar o leite. Aí foi quando foi aparecendo dinheiro. Ganhando um dinheirinho. Aí eu fui me formar com 15, 18 anos e pronto, não me lembrei mais de voltar, porque para cá, tinha muita diversão.

P/1 – Mas vem cá, você... depois que você saiu de casa, você não voltou mais?

R – Não.

P/1 – Nunca mais?

R – Nunca mais.

P/1 – Nunca mais viu seus pais?

R – Nunca, nunca. Nunca mais.

P/1 – Nem eles foram atrás de você?

R – Nem, não. Nunca mais. Eu fui para o alto. De Santarém eu fui para o Rio Branco.

P/1 – Não. Aí em Santarém, como é que era Santarém?

R – Ah, Santarém era uma cidade, bonita, Santarém subia para o Tapajós. Fiquei em Santarém mais ou menos um ano, mais, mais dois anos em Santarém.

P/1 – Aí você já estava com o que, 18 anos?

R – É, 18 anos. Já estava votando, naquele tempo já votava.

P/1 – Como era que é a vida lá? Com o senhor trabalhava, morava onde?

R – Lá eu arranjei um quarto lá em Santarém, eu trabalhava e morava num quarto. Já aluguei um quarto.

P/1 – Como é que o senhor se divertia, qual era a diversão depois do trabalho?

R – Diversão era festa. Tinha muita festa. Eu ia, acabava tudo aí eu ia me embora. Quando acabava o dinheiro, eu ia embora para o alto de novo.

P/1 – Que alto?

R – O alto era onde cortava seringa, Tapajós. Já ouvi falar em Tapajós? Não. Tapajós é uma região muito linda. Meio de transporte, muita seringa naquele tempo tinha lá, no Tapajós.

P/1 – Tinha muita gente lá?

R – Tem, tinha muita gente. Tinha uma companhia do Henry Ford, chamado Fordlândia, Fordlândia e Belterra. Belterra! Não sei se ainda existe. Fordlândia era de um americano. Ele fez a plantação de seringa lá, aí foi quando eu baixei logo e fiquei lá em Fordlândia, cortando seringa.

P/1 – Qual que é a história... você tem alguma história marcante deste período, da época da seringa? Algum fato? Algum caso?

R – Não, caso melhor que eu tenho só era este, que eu cortava, pegava o dinheiro e acabava tudo, farreava.

P/1 – Você farreava muito?

R – Não, não falava não.

P/1 – Farreava?

R – Farreava. Acabava com tudo. Solteirão mesmo. Tudo que eu ganhava...

P/1 – Você gastava como?

R – Gastava assim com festa. Muita namorada, o que eu tinha de dinheiro, acabava tudo, aí passava um mês, dois, patrão me sustentava, eu voltava de novo para o alto... e assim, eu fui levando a vida a me casar. Me casei no Xingu.

P/1 – Aí o senhor ficou na borracha, quanto tempo?

R – Na borracha eu passei muito tempo, cortando. Devo ter passado uns... eu não estou lembrado. Uns 15 anos, mais ou menos, cortando seringa. Quando eu me casei, eu já estava com uns 40 anos, 30 ou 40...

P/1 – Mas aí o senhor não conseguiu juntar dinheiro?

R – Não, não ajuntei por que eu gastava tudo. Tudo que juntava, depois (risos) depois que eu me formei rapaz, não durou mais nada de dinheiro. Tudo que eu pegava, gastava. Vontade de ir me embora, para voltar, mas... Não tinha como, porque eu gastava tudo.

P/1 – E você tinha amigo, você fez amigo nesta época?

R – Muito amigo! Muito amigo.

P/1 – Você lembra de algum?

R – Lembro. Tenho até um aí, encontrei com dois aí no Laranjal, um chamado Miguel Gama e outro é o Luiz, está até meio adoentado, o Luiz, eu encontrei com ele no Rio Branco, Acre. Ainda tenho amigo aí no Jari.

P/1 – Tinha muita briga lá?

R – Não, neste tempo não tinha briga, não. Tinha só por nos altos rios, os donos de turma, não, não existia briga, porque não tinha cadeia naquele tempo, não existia cadeia, era só na bala que...

P/1 – Como é a atividade de cortar seringa? Como que se faz isto?

R – Eu cortava a noite, eu gostava de cortar à noite por causa do leite, para não ventar, para secar o golpe que a gente dá na seringueira. Dá um golpe que a gente dá e coloca a tigela. Então, se ventar muito, seca. Então a gente tem que cortar de noite. Saia às sete horas e chegava de madrugada, já trazendo leite. Ia aqui numa estrada, quando fazia o rodo, eu tornava a me cortar, daqui eu já ia colhendo, quando eu chegava na última tigela, eu já vinha com o balde cheio de leite. Colocava num balde, mas a seringueira é mais grossa que essa jaqueira, pega duas tigelas, duas tigelas. Mas era bom, tinha seringueira que era muito leiteira, dava muito leite. Naquele tempo era borracha, defumava a borracha.

P/1 – E teus irmãos? Algum seguiu teu caminho? Se encontrou com algum, primo?

R – Não. Não sei. Não tive notícia mais, depois que eu fui para o alto, eu não tive mais notícia. Casaram.

P/1 – Aí você ficou lá quanto tempo? Dez anos você falou.

R – É, dez anos.

P/1 – No Acre?

R – No Acre.

P/1 – E que é que é, tinha índio lá?

R – Tinha! Tinha muito índio, naquele tempo só se encontrava com índio. Tanto no Tapajós como no Acre. Muito índio, os donos lá dos seringais eram os índios.

P/1 – E você convivia com eles?

R – A gente passava, conversava, ensinava a gente onde tinha seringueira, a gente não entendia, só pelo sinal, mas tinha muito índio. Tapajós, encontrava com eles na estrada. Às vezes, a gente não sabia onde tinha seringueira, eles mostravam onde tinha, só que eles não cortavam, viviam mais de caça. Muita anta, queixada.

P/1 – E tinha conflito com os índios?

R – Não. Nunca houve conflito.

P/1 – E fora a seringueira o que é que tinha lá?

R – Fora a seringueira?

P/1 – O que é que tinha no Acre?

R – Quando eu estava lá, quando nós vivia cortando seringa, só falava só em seringa mesmo, seringa e minério. Mas eu nunca gostei desse negócio de minério, falava muito em minério, mas eu nunca fui, porque eu estava muito acostumado a cortar seringueira, viver do leite da seringueira, eu não me interessava em minério.

P/1 – E vocês trabalhavam para quem, você trabalhava para quem?

R – Não, nós trabalhava para nós mesmo. Agora vendia o leite para os patrões. Patrão subia no rio, naquele tempo não tinha muito.

P/1 – Quem era o patrão?

R – Era um senhor chamado Bernardinho, comprava o leite, entregava, levava. Naquele tempo, era difícil ter dinheiro, mais era o troco, trocava com roupa, com calçado, comida, conserva, e mais o que tinha. Para lá, o dinheiro era difícil, para lá.

P/1 – Mas como que era o nome desse seu patrão?

R – Bernardinho.

P/1 – Por que ele era o patrão, por que ele o dono das terras?

R – Ele é quem tinha e levava a mercadoria, tinha os batelões. Tinha motor, saía gingando na cachoeira, muita correnteza, ele levava muita mercadoria. Em qualquer canto, que ele chegava, o que a gente tinha, vendia, vendia para ele. Não era patrão não, era quem quisesse, inclusive. Tinha alguma coisa, ele vendia.

P/1 – Tinha só ele? Ou tinha outros?

R – Não, tinha vários. Comprava castanha.

P/1 – Você vendia para vários?

R – É, tinha. Também tinha a fábrica da castanha de inverno, colhia castanha no alto.

P/1 – Lá mesmo no Acre?

R – É no Acre, mesmo.

P/1 – Tinha castanha?

R – Tinha. Tinha castanha, castanha. Terminava a seringa de verão e entrava para castanha, tirando castanha. Aí nunca parava de vir. Quando terminava o fabrico da seringa, entrava o da castanha.

P/1 – Aí o senhor vendia para esta pessoa e vendia para outras também?

R – É, outras pessoas que...

P/1 – E também colhia castanha?

R – É.

P/1 – E naquela época, comercializava muita castanha?

R – É, vendia, tudo que...

P/1 – A gente está falando de quê? Anos 50.

R – É, é...

P/1 – Década de 50?

R – É.

P/1 – Quem que era os principais compradores de castanha, naquela época?

R – Naquela época, era esse Bernardinho, comprava, era um outro, chamado Cipriano também que comprava. Tudo era umas pessoas idôneas, já subia naquele batelão comprando castanha, bem topado, batelão grande, Bernardinho e o Cipriano que compravam.

P/1 – E tinha alguma lenda, alguma historia desse período, que se contava da borracha?

R – Tinha a lenda da borracha, da cobra Norato (risos), mas isto eu acho que não existe, mas eles contavam que existia.

P/1 – Como é que é?

R – Cobra Norato, não, isto existiu, do boto, da bota.

P/1 – Qual que é? Conta.

R – Ela se transformava de dia, se transformava, de dia, numa moça, aí dormia com qualquer seringueiro. Mas nunca aconteceu comigo, não, era uma lenda que eles contavam, eu não acreditava, mas contavam.

P/1 – Mas como é que era?

R – Ela se transformava, você sabe o que é boto? É um peixe...

P/1 – É um peixe?

R – É, se transformava numa moça, e quando ela simpaticava numa pessoa, ela vinha bater lá com o cara. Se transformava de peixe, ela se transformava numa moça. Isso é uma lenda. Muitos...

P/1 – E você conhecia pessoas que já tinham falado que já tinham encontrado com ela?

R – Conheci, conheci sim. O Miguel, o Arlindo... o Arlindo, contava que tinha acontecido com ele mesmo.

P/1 – O que é que aconteceu com ele?

R – Que ela foi “blau” com ele de noite. Foi bater lá na rede dele de noite. Uma moça muito linda, daí quando o irmão se acordou, ela correu por cima do trapiche, que tinha um trapiche lá na casa e mergulhou no rio. Mas ninguém (risos) acreditou, ninguém acreditou.

P/1 – E o Honorato?

R – A cobra Norato.

P/1 – O que é que é a cobra Norato?

R – É a mesma coisa também. Quando estava uma festa lá, ela ia, dançava, se transformava. A cobra, ela chegava na festa, ficava num rapaz, dançava, quando era umas quatro horas da madrugada, ela vinha. Se metia na capa de novo e ganhava o rio, a cobra Norato. Dava-se o nome. Eles conversavam muito desta cobra, eu nunca vi.

P/1 – O senhor ouviu falar numa coisa chamada soldados da borracha?

R – Soldados era nós que tinha o apelido de soldados da borracha.

P/1 – Por quê?

R – Porque cortava seringa, era o mesmo soldado da borracha, quem cortava seringa era o soldado da borracha.

P/1 – Por que soldado?

R – Porque dava o nome. Soldado. Soldado da borracha.

P/1 – E o senhor quando estava cortando, assim nessa atividade, o senhor tinha assim, algum desejo: ‘Quero me casar, quero ter minhas terras’?

R – Não, tinha sim.

P/1 – Você já pensava nisso?

R – Já pensava. Era difícil mulher também. Muito difícil. Não era qualquer um que arranjava uma mulher assim, difícil, difícil, difícil... Mas aí, quando eu me casei, eu procurei logo trabalhar, com a minha terra.

P/1 – Onde é que você conheceu sua mulher?

R – Xingu.

P/1 – Você saiu do Acre?

R – Aí, baixei por Tapajós, e do Tapajós e para o Xingu.

P/1 – Por que você decidiu mudar para o Tapajós?

R – Por causa da seringa, seringa e castanha, era só o que eu trabalhava.

P/1 – E lá tinha mais do que estava dando no Acre?

R – Não, não tinha. É por que tinha que baixar, eu baixava sempre, eu pensava em ir para casa. Fui baixando, aí pegava o dinheiro, chegava numa cidade e acabava. Aí tornava a ir para o alto trabalhar. Quando eu pegava um saldo bom, aí baixava. Chegava na cidade, acabava e voltava de novo. Aí depois de me casar, não, aí mudou!

P/1 – Aí você foi no Tapajós, também, castanha e seringa?

R – Castanha e seringa, é...

P/1 – Como é que era o Tapajós?

R – É um rio muito grande, muito grande o rio, tem muito seringa, muita. Lá tinha minério também, mas eu nunca fui para o minério. Muita seringa, tinha muito seringueiro lá, soldado da borracha que a senhora falou. E eu trabalhei lá uns dois anos mais ou menos.

P/1 – No Tapajós?

R – Tapajós.

P/1 – E onde o senhor morava, lá?

R – Morava no mato mesmo, em barraco, fazia os barracos e ficava lá, no mato.

P/1 – O senhor via bicho?

R – Via! Muito queixada, muita anta, quer dizer, o queixada naquele tempo era uns porco muito feroz, se a gente não se cuidasse, ele comia a gente.

P/1 – Como é que você se cuidava deles?

R – Ah, porque a gente andava com uma espingarda. Bastava dar um tiro, eles corriam tudo. Mas era perigoso, o lote de queixada muito grande, aí o cara tinha que subir mesmo, pegava um pau, subia e eles ficavam embaixo, estalando, até que... não tinha porque matar, por não podia aproveitar. Naquele tempo era difícil, sal, tudo era difícil. Quando o patrão subia com um mês, é que levava o sal, se acabasse, pronto. Levava o açúcar, o café e o sal, se acabou antes dele subir, aí num tinha onde comprar.

P/1 – O senhor chegou a passar fome?

R – Não. Nunca, porque era muito farto, tanto o peixe como a carne. No alto do rio, não tinha porque, naquela época. Muita fartura, caça do mato.

P/1 – Você caçava?

R – Não. Era difícil. Não dava tempo para caçar, porque daí, ainda que a gente fosse para o mato, já ia topando a caça: jabuti, mutum. Já ouviu falar em mutum?

P/1 – Não.

R – Pois é.

P/1 – Que é que é mutum?

R – Pássaro muito grande. Pássaro grande chamado mutum.

P/1 – É um pássaro?

R – É um pássaro. Na ida, que a gente ia cortar seringa, a gente topava com um, dois, matava um, pronto, era o suficiente. Jabuti tinha muito também

P/1 – Que tipo de caça você comia?

R – Paca, anta, queixada e veado.

P/1 – Conta uma história marcante deste período aí, no Tapajós.

R – No Tapajós?

P/1 – É.

R – Tapajós é bom, viu (risos)? Rio Tapajós, a história que eu tenho para contar, porque o cara solteiro assim, só vivia no mato mesmo, todo tempo trabalhando no mato, então é muito, muito difícil varar para cidade. Quando eu varava, já era para pegar o saldo e vir me embora, gastar. Não tenho muito história bonita assim, para contar do mato.

P/1 – Pode ser história sem ser bonita também.

R – História para ver queixada, muita queixada, anta e rio Tapajós. Pois é, a vida da gente foi meio complicada, cara solteiro num pensa, acaba tudo. Depois de me casar, não, pensei, produzi meus filhos.

P/1 – E aí aonde o senhor conheceu sua mulher?

R – Está aí no...

P/1 – Onde o senhor conheceu ela?

R – No Porto de Moz.

P/1 – O que é que é Porto de Moz?

R – Uma cidade, no Xingu.

P/1 – Como você conheceu, como que foi?

R – Por que eu baixei do alto, baixei do alto, com dinheiro e conheci ela, aí fiquei, passei uns meses e tudo...

P/1 – Conheceu onde?

R – Lá na cidade.

P/1 – Que lugar?

R – Porto de Moz.

P/1 – Mas em que lugar de Porto de Moz?

R – Em Taparará, tem o Porto de Moz e tem o Taparará, uma vila, uma vila que ela morava.

P/1 – Mas como é que foi? Você estava passando....

R – Não, eu fui lá na casa deles. Eu vi ela.

P/1 – Foi fazer o quê?

R – Fui passear.

P/1 – Você conhecia quem?

R – Conhecia só uns dois rapaz lá. Aí fui dar um passeio lá e lá eu topei com ela.

P/1 – Topou onde, na rua, assim?

R – Na rua. Aí, me agradei dela e fui lá com o pai dela falar.

P/1 – Não, mais aí você olhou e falou: ‘gostei dela’, só de olhar?

R – Foi (risos).

P/1 – Conta esta história, seu Raimundo não quer contar a história...

R – Gostei só de olhar (risos). Olhei, fui pedir para o velho lá. O velho, naquele tempo, era tudo ciumento das filhas. Aí eu falei com ele. Ele me deu a filha para casar. Aí eu passei uns 15 dias, tornei ir lá na casa dele. Aí falei serio mesmo, ele me arranjou a filha, eu casei.

P/1 – Mas depois de 15 dias você casou, não?

R – Não, eu era difícil namorar, não sabia qual que era o negócio de namoro. Até hoje, ela se admira, porque o velho, naquela época, o pessoal dava as filhas só para aquele cara que trabalhasse, malandro ele não queira, de jeito nenhum! Aí, eu passei e falei com ele, “Eu dou sim a minha filha”. Aí, teve um amigo meu, velho, um velho lá que gostava muito de mim, aí foi lá com o velho lá ajeitar. Chamava-se Florêncio, ele ajeitou ela, o velho ajeitou, não ajeitou ela, ajeitou o velho que o velho era bravo. (risos) Aí o velho cedeu ela para casar. Eu casei com uns três meses mais ou menos. Aí eu fiquei alegre. Aí procurei terra, aí foi quando eu fui começar a...

P/1 – Você casou aonde?

R – Porto de Moz.

P/1 – Como é que foi o casamento, teve festa?

R – Teve. Teve uma festinha lá, para os parente dela, porque eu não tinha parente.

P/1 – Você nem levou ela para conhecer sua mãe, nem chamou seus pais?

R – Não, não, muito longe os pais. Agora o pai dela foi..

P/1 – Você não ficou com vontade de chamar seus pais?

R – Não. Não tinha como, agora que eu estou com vontade. Depois de ajeitar tudo, encaminhar tudo, deixar os filhos, esse filho meu que mora comigo, o resto está tudo casado já, os filhos. São 18 filhos tudo, filho e mulher. São 18.

P/1 – Aí o senhor conheceu sua mulher, depois de três meses e vocês foram morar onde?

R – Porto de Moz.

P/1 – Você alugou uma casa, construiu?

R – Eu comprei uma casa.

P/1 – Você tinha dinheiro?

R – Tinha. Comprei uma casa na cidade.

P/1 – E aí?

R – Aí fui morar com ela na cidade. Depois eu me empreguei com um cara muito bem no Porto de Moz, depois de uns dois anos, ele me chamou para tomar conta lá de um terreno dele, umas fazendas. Aí eu fui tomar conta.

P/1 – Aonde?

R – No Porto de Moz, mesmo. A fazenda era do outro lado do rio, é um rio grande. Aí eu fui para lá morar. Passei 25, 22 anos trabalhando com ele.

P/1 – Lá em Porto de Moz?

R – É, na fazenda dele.

P/1 – O senhor ficou lá, então, até ter 40 anos?

R – É, mais ou menos. Mais, mais de 40. Eu fiquei com ele muitos anos trabalhando, uns 20 e poucos anos trabalhando com ele. Tomando conta do que era dele, depois fui procurar trabalhar para mim. Aí pronto.

P/1 – Seus filhos nasceram todos lá, como é que foi?

R – Olha, todos são filhos de Porto de Moz, só tem dois que é daqui, os dois gêmeos, nasceu para cá, na região do Jari. Foi quando o gerente do banco foi lá no meu roçado lá, depois que eu saí da fazenda, abriu o terreno, o gerente foi lá e disse: “Olha, você tem que ir trabalhar no Jari, na estrada nova, lá que é a terra para você trabalhar”. Aí eu vim. Arrumei tudo os filhos e viemos embora.

P/1 – Mais aí, você tinha 16 lá?

R – Dezesseis, o que? É!

P/1 – Filhos.

R – Dezesseis filhos, trouxe tudo.

P/1 – Como é que era a sua casa, lá?

R – Era uma casa, uma casa boa. Uma casa tipo esta aqui, era boa. Tipo essa assim.

P/1 – E como é que dormia os 16 filhos?

R – Era meio apertado, mas dormia bem. Cada qual (risos) tudo era pequenino, o maior tinha uns 14 anos, o maior.

P/1 – É um com diferença de um ano para o outro?

R – Nove meses. Ela saía grávida.

P/1 – Por que 18?

R – Não, 18 é o todo.

P/1 – Por que tanto filho?

R – Porque (risos) ela teve que ter mesmo, lá, da primeira mulher foi cinco. A primeira mulher morreu, aí eu casei com a outra.

P/1 – Ah, o senhor não contou.

R – Não.

P/1 – Você tem 18, somando da primeira e da segunda?

R – É, tenho cinco da primeira.

P/1 – Ah, esta primeira que o senhor casou, morreu?

R – Morreu, é.

P/1 – Como que era o nome dela?

R – Francisca.

P/1 – Essa que você foi falar com o pai?

R – É, é...

P/1 – Ela morreu do quê?

R – Ela morreu de parto.

P/1 – Do quinto filho?

R – É do quinto filho.

P/1 – E o bebê nasceu?

R – Não.

P/1 – Ele morreu também?

R – Morreu, morreu com ela, também não tinha médico, não tinha parteira, não tinha nada.

P/1 – O senhor ficou muito triste?

R – Senti demais, tomando conta de cinco filhos, não foi fácil não criar os cinco filhos. Foi eu. Não foi fácil, viu, não gosto de pensar nesta crise, foi uma crise triste que eu passei, com cinco filhos, mas criei tudinho.

P/1 – Aí quanto tempo o senhor demorou para casar?

R – Olha, eu demorei um ano.

P/1 – Depois de um ano...

R – É, casei com esta aqui.

P/1 – Conheceu lá também?

R – Conheci lá.

P/1 – Onde?

R – Lá em Porto de Moz.

P/1 – Você já conhecia?

R – Não. Depois que ela morreu, andando por lá, que eu trabalhava em fazenda, aí eu conheci, passei lá na casa do pai dela, conheci ela. Aí passei uns tempos, tornei a passar, conheci de novo, fui lá, falei. Não queria não, porque eu tinha cinco filhos.

P/1 – O pai dela não queria?

R – Não. Não queria. Os irmãos. Não dava conta, que ela não ia dar conta dos filhos para criar e tal. Aí depois, eu falei com ela, disse: “Ah eu vou para lá com você, se você casar comigo” “Eu caso”. Aí eu fui lá com o velho, ajeitei o velho, casei com ela, foi tomar conta do... aí melhorou.

P/1 – Foi tomar conta do quê?

R – Dos filhos.

P/1 – Como assim?

R – Cinco filhos, que eu tinha.

P/1 – Aí ela topou?

R – Topou. Aí foi para lá tomar conta.

P/1 – Dos seus cinco filhos?

R – É!

P/1 – E ela era bacana com eles?

R – É, até hoje, eles chama tudo de mãe para ela. Tudo é mãe.

P/1 – Aí vocês casaram e continuaram morando lá?

R – Moramos...

P/1 – Na fazenda?

R – Não, em casa mesmo. Eu deixei a fazenda e fui morar em casa mesmo.

P/1 – E fazia o quê?

R – Trabalhava em roça. Foi quando o gerente do banco foi lá e disse para mim que era para mim vir para cá para o...

P/1 – Mas aí você já tinha tido mais o quê, dez filhos?

R – Tinham mais. Uns 12 filhos, muito...

P/1 – Não, você tinha os cinco e teve mais dez com ela lá.

R – Quinze. Não, mais. É 18. Tinha cinco, mais 13. Nós só tinha 11, os dois já foi para cá. Aí vieram tudo numa jangada para lá, trouxe tudinho de uma vez para cá, tudo eles. Aí o negócio melhorou, porque era muito braço. Tudo gente para trabalhar (risos) aí melhorei. Ganhei dinheiro, comprei estas terras. Tudo estas terras.

P/1 – Aí fala um pouco, você chegou e veio para qual região aqui?

R – Para cá mesmo.

P/1 – Ah, onde a gente está?

R – Aonde a gente está.

P/1 – Você comprou a terra? Você fez o quê?

R – Comprei a terra, já vim com dinheiro, comprei a terra.

P/1 – Comprou de quem?

R – Comprei dos caras que morava aqui mesmo. Tinha uns donos antigos, aí eu comprei, comprei uma de um cara chamado Vicente, outro chamado Francisco, foi o tempo que os filhos foi crescendo e eu fui comprando terra para eles. Tudo ele tem terra aí, é uma fazendola nossa, vamos para lá, não vamos?

P/1 – Não sei.

R – Vamos passa lá. Toma um leite.

P/1 – Aí o senhor chegou aqui e não tinha nada?

R – Não tinha nada, tudo era mata, só o caminho mesmo, tinha um caminho que o primeiro dono fez, depois não venho para cá. Aí o pessoal começaram a entrar, aí eu entrei também. Aí comprei este lote aqui, comprei mais outro para um filho lá e aí lá na frente eu comprei quatro. Tem quatro filho lá colocado.

P/1 – Aí seus filhos o que, ajudavam o senhor na roça?

R – Aí ajudava, aí melhorou, nós fomos trabalhar com banana, para Jari, plantamos banana, todo tipo de verdura, macaxeira, mamão Havaí, cebola, tudo tipo de que a Jari precisava no mercado, nós plantava. Aí o carro entrava para vir pegar.

P/1 – Você vendia para quem?

R – Para Jari.

P/1 – O que é para Jari, para fábrica?

R – Não, para firma. Para firma.

P/1 – E para cidade, supermercado, estas coisas?

R – Supermercado, eram quatro supermercados que ela tinha, eu abastecia.

P/1 – O supermercado?

R – Os quatro.

P/1 – E a feira?

R – Não, nós não levava para feira, só para o supermercado. Só para o supermercado, levava era, tinha Planalto, São Miguel, Munguba e o Mercado. Quatro mercados, o carro entrava e eu enchia, chegava lá pesava tudo e pegava. Daí, pagava também no monte, toda vez que eu levava, de 15 em 15 dia, era o contrato que eu tinha com a Jari. Aí melhorou, graças a Deus.

P/1 – Como é que era Jari, naquela época?

R – Olha, Jari, naquele tempo, era uma fatura muito grande. Mercado grande, muita coisa, pagava no dinheiro também, hoje tem, ainda pagam bem. Trabalho também para o restaurante de vez em quando e levo para o restaurante: alface, jurumum, mamão Havaí, macaxeira, tomate, laranja, limão, açaí, tudo nós leva.

P/1 – Tem tudo isto aqui?

R – Tem Tem

P/1 – Fala uma coisa, seus filhos foram estudando, você colocou eles na escola?

R – É tudo filho formado.

P/1 – Mas eles foram para escola? Você pôs todos na escola?

R – Foram, aí todo mundo estudou, aqui, tudo! Tem duas formadas, tenho um filho formado, é doutor, doutor Geraldo, ele está até para Espanha.

P/1 – Ele é médico?

R – Não, formou-se matemática. Vou trazer o álbum para senhora ver. Formou-se, tem dois filhos que está se formando, um é formado em técnico, técnico industrial, o outro é técnico florestal, a outra é enfermeira, uma filha enfermeira, a outra vai se formar, eu nem sei que ela disse, ligou para mim, não sei nem quando foi que ela, ela escolheu. E o resto, tem quatro que é fazendeiro aí. Tem um gadinho aí para cima. E esse trabalha comigo, casou-se e ficou comigo aqui, por que é só eu...

P/1 – Tem um só?

R – Só aqui.

P/1 – O resto saiu todo mundo de casa, já?

R – Ah, está tudo tomando conta deles, deles mesmo.

P/1 – E estas crianças?

R – Este aqui, esse Zito é da minha nora, que mora comigo e os dois é de um filho meu, que a mulher está lá para cidade, foi para feira e eles vieram passar o dia comigo aqui.

P/1 – Quais foram os maiores desafios do senhor, para fazer esta terra aqui plantar?

R – O maior desafio foi trabalhar e ganhar o dinheiro. Trabalhar, graças a Deus a Jari, nessa parte, o povo que trabalha com ela ganha, todo mês, paga, toda vez eu levava, pagava no monte, aí eu fui comprando as terras. Pelo tempo que teve um prefeito aí tiramos tiquete definitivo, aí se colocamos. Então foi lugar melhor que eu já achei, foi nesta região, para criar os filhos e viver. Foi com tanto trabalho, tanto sacrifício (risos) que eu já passei na vida, porque tirar castanha, cortar seringa todo tempo molhado. Trabalhar para os outros também. É muito triste. Aí trabalhar por conta da gente não. Pois é! Muito bom a senhora ter vindo por aqui para gente conversar. A senhora é paulista, não é?

P/1 – E o senhor aqui, como é que era a terra, que tipo de terra é aqui?

R – Olha aqui tem barro roxo, tem barro roxo, essa terra que eu trabalho é terra preta. É o barro roxo. Logo, logo, a cerca de um cocal muito grande aí, para o outro lado tem um sisal, logo atrás aí, eu tenho a minha horta. Onde eu levo para Jari.

P/1 – E aqui, quais são os costumes da região? Como que é o seu cotidiano aqui? O senhor ainda planta? Você que toma conta de tudo ainda?

R – É, ainda tenho, ainda tomo conta de tudo ainda, a gente faz os negócios, chega aqui o carro, quando vem, apanha tudo e a gente leva. Quando não, a gente leva um bocado para feira, outro leva para o restaurante. Aí, de 15 em 15 dias a gente vai na cidade, compra, faz a mercadoria, traz tudo. Carne quando a gente quer comer um bicho à vontade, vai lá pega um mamote, abate. Quando não, traz de fora, tem tudo lá. Fatura, compra e traz para cá.

P/1 – O senhor levanta que horas para ir trabalhar?

R – Olha, seis e meia nós estamos de pé. Seis e meia está tudo pronto o café. Seis horas, cinco horas, a mulher se levanta, ajeita tudo, quando é seis horas, porque de manhã que é bom. Agora com o sol quente, não dá.

P/1 – E a sua esposa, ela ajudava o senhor na planta?

R – Ajuda. O tempo todo está me ajudando.

P/1 – Desde o começo, ela ajudava o senhor a plantar?

R – Desde o começo. Muito filho, só eu não dava conta, não. Todo o tempo, ela me ajuda. Tanto pagar escola, os meus filhos, nós paga escola, custa 300 reais por mês, são dois, tem um quarto, que nós paga aluguel também lá e o rancho. Agora, eles estão de férias para cá. Ela que me ajuda. Tudo.

P/1 – E na roça, e lá no plantio?

R – Também, ela me ajuda no plantio. Aliás, em tudo que for preciso, sobre o negócio da alimentação, ela que ajuda.

P/1 – E da sua família o senhor nunca mais teve contato?

R – Não.

P/1 – Com ninguém?

R – Com ninguém.

P/1 – O senhor já recebeu, usa os serviços do Correios, recebeu cartas?

R – Não, porque eu não tenho, eu quero ir, eu vou atrás deles agora, depois que os filhos estiverem colocados tudo, aí é o tempo que eu vou arranjar um dinheiro, aí eu vou lá. Vou levar ela. Muitos anos (risos) mas eu vou lá, para nós vai ser um prazer chegar lá. A gente...

P/1 – Para o teus irmãos, para onde você pretende ir? Para onde você vai?

R – Eu vou para lá, lá de onde eu vim. Dar um passeio lá. Agora já dá para ir, que está todo mundo colocado, não vão passar fome. Porque a gente quando tem uma responsabilidade, a gente tem que assumir, não pode deixar assim. Então, se o cara põe o moleque no mundo, ele tem que assumir aquela responsabilidade, até ele ficar andando com as pernas dele. Não largar no mundo, aí fica um bandido, um mentiroso, quer matar os outros. E não, estando do lado dos filhos é difícil acontecer isso. É o que acontece com a minha família. São nove filhos homem, mas eu duvido que tenha um filho cachaceiro, mentiroso, que vive com arruaça. Não, todo mundo está junto comigo. Então... porque eu botei o cara no mundo, tem que ter responsabilidade, eu não posso deixar eles. Estes dois lá que estudam, o tempo todo tem que estar com eles lá. Passa uma semana eu vou, na outra semana, ela vai, para ver como está. Aí está tudo bem, graças a Deus, já se formaram este ano. Esse outro, eu mandei para Belém, se formou. De vez em quando eu ia lá com ele. Hoje, está bem graças a Deus. Então é isso que eu quero lhe dizer.

P/1 – Quanto que o senhor consegue retirar por mês da plantação?

R – Olha, para plantação, até o mês passado, a gente tirava três mil e pouco por mês, até quatro mil nós fazia por mês. Mas o certo mesmo, era três mil, tem até as nota aí. Três mil, três mil seiscientos e uma fraçãozinha. Por mês.

P/1 – O senhor já tem aposentadoria?

R – Já. Sou aposentado. Eu com ela.

P/1 – Seu Raimundo, qual que é o seu maior sonho hoje?

R – Meu maior sonho que eu tenho agora? Olha, eu que eu estou pensando bem é isso. É colocar do jeito que está tudo no jeito aí. É pegar minha velha e ir no Maranhão, lá na minha terra. Meus pais, vê se ainda estão vivo ainda.

P/1 – Nunca mais teve notícia, mesmo?

R – Não.

P/1 – E você vai chegar lá e você acha que vai encontrar alguém? Quem que você acha que você vai encontrar?

R – Ah eu vou encontrar sim, os parentes, irmão, irmão eu vou encontrar. Tio, primo.

P/1 – Você tem o endereço deles lá?

R – Tenho. Tenho sim. A gente vai por onde eu vim, com certeza (risos) eu vou direitinho por de onde eu vim, eu vou bater lá com eles.

P/1 – Por que o senhor acha, fora o fator de dinheiro, porque o senhor perdeu o contato, não ligou, não fez outro tipo de contato?

R – Não. Porque eu tinha que levar de grana, eu tinha que levar grana para lá, sabe? Sem grana não adiantava ir, se eu vim atrás. Aí chegar lá sem nada é (risos) pegava era um vaia. Aí tem que levar alguma coisa.

P/1 – Seu Raimundo, o quê que o senhor achou da história, de dar o seu depoimento, contar a sua história para o Museu da Pessoa?

R – Achei, não sei nem lhe dizer. É, mas é bom, porque a gente lembrou alguma coisa, que não está esquecido. Eu lembrei aquilo que eu passei, porque eu lutei, para ganhar alguma coisa, para sobreviver, que era só para sobreviver mesmo, eu gastava tudo. Agora não, agora mudou porque comprei as minhas propriedades, tenho os meus filhos tudo colocado. Todo mundo não vive pedindo nada para ninguém, vive no que é seu. Aí mudou.

P/1 – Eu queria agradecer a entrevista do senhor. Muito obrigada.

R – De nada, vai desculpando se eu não pude falar melhor, porque não tem jeito.

P/1 – Está ótimo, queria agradecer.

R – Está.

P/1 – Obrigada.

R – Obrigado

FINAL DA ENTREVISTA